

EDITORIAL

*“... em que mares navegamos?”*

*Com mais de vinte anos de formada e tendo atingido o último grau da carreira do magistério superior, enfrento — quase cotidianamente — situações que me mostram o quanto nosso lugar profissional é reduzido, não só no sentido de “diminuir as proporções, restringir, limitar, tornar menor” mas também de “obrigar, constringer, forçar”.*

*As situações relacionam-se ao meu fazer, ao fazer de colegas, equipe de enfermagem e estudantes.*

*O reduzir ocorre tanto entre nós, como entre nós e a equipe de saúde, entre nós e a sociedade. Ocorre também de uma relação de poder onde nitidamente é desvendável o saber. Quanto menos saber, tanto mais as situações de redução aparecem, assim como, quanto maior o interesse no poder, tanto mais a redução se acentua, sem considerar o que ocorre da soma de ambos.*

*Vê-se, pois, que os esforços iniciais de nossas ilustres fundadoras não foram arremessados por acaso, fazendo-as partir. O arremesso permanece, tanto interna quanto externamente.*

*Exemplos aparentemente banais — como o de um diretor-médico que disse a uma egressa de enfermagem que não buscasse esclarecimentos, junto a um médico que participaria do processo de seleção a que ela se submeteria, pois iria incomodá-lo; e outro, o da avaliação de uma aluna de enfermagem, que teve seu conceito final atribuído por ações desenvolvidas como funcionária de um serviço de enfermagem e não pelo trabalho desenvolvido na disciplina que cursava — mostram simbolicamente o cotidiano do espaço por nós conquistado e exercido, ao lado de uma soma de decretos que, sobretudo no ensino, têm desencadeado constantes interferências, conseqüências e reduções.*

*Fica para reflexão o questionamento...*

**Marilene Schmarczek**  
**Prof.<sup>a</sup> Titular**